

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT17.026

FAMÍLIA E ESCOLA: MUNDOS QUE SE ENCONTRAM PARA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE MELHOR

Gislenny Alves¹

Edvaldo Cesar do Nascimento²

RESUMO

Este estudo analisa a parceria entre família e escola como elemento fundamental para a construção de uma sociedade melhor. A partir de revisão bibliográfica e da invocação de realidades vivenciadas em um município do interior alagoano, investigam-se estratégias escolares que promovem a interação entre a comunidade familiar e a instituição educativa. Destacam-se práticas como reuniões periódicas com sorteios de brindes, coffee-breaks, convites para participação em eventos culturais, esportivos e sociais, parcerias com secretarias municipais de saúde e assistência social, além de palestras e rodas de conversa com psicólogo, assistente social e demais profissionais. A partir dessa articulação, a escola não apenas fortalece o vínculo com as famílias, mas amplia sua função social e educativa. Conclui-se que essa aproximação entre família e escola favorece o desempenho dos alunos, a participação cidadã e a formação de sujeitos críticos e colaborativos.

Palavras-chave: família – escola – parceria educacional – comunidade escolar – interior alagoano.

1 Mestre em Psicologia pelo programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, gislenny.a@gmail.com;

2 Mestrando pelo Curso de Pós-graduação em Ciências da Educação, da Universidade Autónoma de Assunção - UAA, (cesarbig77@hotmail.com)

INTRODUÇÃO

Em tempos de rápidas transformações sociais, tecnológicas e culturais, a educação assume um papel ainda mais desafiador: não apenas instruir academicamente, mas formar cidadãos críticos, éticos e preparados para atuar de forma construtiva na sociedade. Nesse cenário, um dos principais pontos de apoio à escola é a família — primeira instituição socializadora do indivíduo e referência afetiva e moral durante sua infância e adolescência.

O diálogo entre esses dois universos, família e escola, é essencial para que o processo educativo seja completo, contínuo e significativo. No entanto, apesar da importância reconhecida dessa parceria, sua concretização efetiva ainda encontra muitos desafios, especialmente em contextos sociais mais vulneráveis, como os encontrados em comunidades do interior nordestino.

Muito se fala sobre a importância da presença da família na vida escolar dos filhos, mas pouco se discute sobre como tornar essa presença real, constante e colaborativa. Em especial, nas regiões interioranas, onde fatores como a baixa escolarização dos pais, a escassez de recursos, as múltiplas jornadas de trabalho, o desconhecimento sobre o papel ativo que podem exercer no ambiente escolar, e até mesmo a falta de compromisso e responsabilidade com a vida escolar dos seus filhos ainda são obstáculos recorrentes. Nessas localidades, as escolas muitas vezes se tornam o principal ou único equipamento público estruturado, e acabam assumindo funções que ultrapassam a transmissão de conteúdos, estendendo-se à promoção da cidadania, da saúde e da assistência social.

É nesse contexto que este artigo se insere: ao refletir sobre práticas adotadas por escolas públicas de um município do interior alagoano busca-se compreender de que forma a articulação entre família e escola pode contribuir para a construção de uma sociedade melhor. Afinal, como bem afirma Paro (2010), “a escola pública só poderá cumprir sua função social quando trabalhar em parceria com a comunidade que a cerca”. A escola,

nesse sentido, não é uma ilha — é um espaço de encontros, trocas e pertencimento.

Mais do que apontar a relevância teórica dessa parceria, este estudo se propõe a apresentar experiências práticas e estratégias utilizadas pelas escolas locais para promover a aproximação das famílias ao ambiente escolar. Reuniões com sorteio de brindes, coffee breaks, festas temáticas, exposições culturais, parcerias com órgãos públicos como as secretarias de saúde e assistência social, além de rodas de conversa com profissionais especializados, são exemplos de ações que têm se mostrado eficazes em despertar o interesse e o sentimento de pertencimento por parte das famílias. Essas ações, longe de serem meros eventos pontuais, revelam uma compreensão ampliada do papel da escola e da educação como processo compartilhado.

Dessa forma, o presente artigo pretende lançar luz sobre os caminhos possíveis para tornar a escola um espaço verdadeiramente democrático, onde famílias e educadores compartilham responsabilidades, constroem vínculos e trabalham juntos pela formação integral dos estudantes. Em última instância, acredita-se que fortalecer esse elo é um passo essencial para transformar não apenas a escola, mas toda a comunidade ao seu redor — rumo a uma sociedade mais justa, consciente e solidária.

A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA E SUA IMPORTÂNCIA

A parceria entre família e escola constitui um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento integral do educando. Longe de ser apenas uma colaboração pontual, essa relação precisa ser compreendida como uma construção contínua e dialógica, onde ambas as partes — escola e família — compartilham responsabilidades e objetivos educacionais. O envolvimento da família nas práticas escolares não se resume à presença em reuniões ou eventos esporádicos; trata-se de uma participação ativa no processo de ensino-aprendizagem, na formação de valores e no

acompanhamento do desenvolvimento emocional, social e cognitivo das crianças e adolescentes.

A literatura educacional contemporânea é unânime ao apontar que a participação familiar no cotidiano escolar está diretamente associada ao melhor desempenho acadêmico, à maior autoestima dos alunos, à redução da evasão escolar e à construção de um ambiente mais colaborativo e saudável na escola. Conforme destacam Silva e Espírito Santo (2015), “a parceria entre família e escola no processo de ensino-aprendizagem busca restabelecer a valorização de uma educação sistematizada para o crescimento socio intelectual do sujeito”. A presença da família, nesse sentido, age como um reforço positivo que motiva o aluno e fortalece os vínculos entre os diferentes espaços de aprendizagem: a casa e a escola.

Reali e Tancredi (2005) corroboram essa visão ao afirmarem que “o fortalecimento da relação escola-família contribui para a formação de cidadãos críticos, capazes de participar ativamente da vida em sociedade”. Essa perspectiva amplia o papel da escola: além de transmitir conhecimentos, ela passa a ser agente de transformação social, desde que em sintonia com a rede de apoio que a cerca – especialmente a família. Quando há sintonia de valores, metas e práticas entre os dois ambientes, o aluno encontra maior segurança, constância e coerência em sua formação.

Segundo o portal *Melhor Escola*, o alinhamento entre a escola e as famílias é um fator essencial para o bem-estar e o desempenho dos alunos. Essa harmonia, no entanto, não é espontânea. Ela precisa ser cultivada por meio de políticas escolares que valorizem o acolhimento, o diálogo, o respeito às diversidades familiares e a criação de canais de comunicação eficientes e afetivos. A escola precisa reconhecer a família como parceira e corresponsável, não como mera expectadora do processo educacional.

Além disso, é importante considerar que o conceito de “família” hoje é plural. Pais, mães, avós, tios, padrastos, madrastas e outras figuras de referência podem ocupar esse papel de acompanhamento escolar. Como destaca Libâneo (2007), a escola deve estar aberta à escuta dessas configurações familiares e ao reconhecimento de seus saberes, pois “a função

educativa não é exclusiva da escola, mas compartilhada com a família e com a comunidade”.

O envolvimento familiar também é apontado por Bronfenbrenner (1996), no modelo ecológico do desenvolvimento humano, como parte fundamental do “microssistema” que influencia diretamente o crescimento do indivíduo. Para o autor, quanto mais interligados estiverem os ambientes nos quais a criança circula – como a casa e a escola –, maior será a coerência das experiências vividas, o que resulta em um desenvolvimento mais equilibrado.

Contudo, é necessário destacar que essa parceria não ocorre de forma automática, sobretudo em contextos de vulnerabilidade social, baixa escolarização ou experiências negativas anteriores com a escola. Muitas famílias se sentem inseguras, desvalorizadas ou excluídas do ambiente escolar. Por isso, cabe à escola desenvolver estratégias ativas de aproximação, sensibilização e valorização dessas famílias, promovendo um espaço acolhedor e democrático, onde todos se sintam pertencentes e respeitados.

A construção de uma relação sólida entre escola e família demanda, portanto, investimento contínuo, escuta atenta, sensibilidade cultural e compromisso com a equidade. O sucesso dessa parceria reflete-se não apenas nos resultados pedagógicos, mas também na formação de sujeitos mais autônomos, críticos, participativos e éticos – características indispensáveis para a construção de uma sociedade melhor.

ESTRATÉGIAS DE ENGAJAMENTO FAMILIAR

Para que a parceria entre escola e família se torne efetiva, é primordial que a instituição de ensino assuma uma postura proativa, aberta e intencional na criação de estratégias que favoreçam o envolvimento dos responsáveis no cotidiano escolar. Como destaca Paro (2010), a escola precisa deixar de ser um espaço exclusivamente técnico-pedagógico para se tornar um espaço de convivência, diálogo e construção coletiva. Isso implica em reconhecer que a família, em sua pluralidade e complexi-

dade, é um agente educativo que pode e deve ser integrado ao processo escolar de forma respeitosa e colaborativa.

Diversos autores e instituições especializadas apontam para a importância de se promover canais eficientes de comunicação, eventos sociais com significado comunitário, parcerias institucionais e, principalmente, espaços de escuta e acolhimento das famílias. O portal *Melhor Escola*, por exemplo, recomenda práticas como reuniões periódicas, festas escolares, exposições culturais e a utilização de grupos digitais (como WhatsApp ou aplicativos educacionais) para estreitar a comunicação entre escola e responsáveis. Essas ações simples, mas consistentes, contribuem para criar um ambiente de confiança e diálogo, onde a família sente-se valorizada e reconhecida.

Já a publicação da *Santillana Educação* (2023) vai além ao afirmar que “a escola deve oferecer apoio aos responsáveis, reconhecendo suas dificuldades e oferecendo orientação psicológica, pedagógica e social”. Essa visão amplia o papel da instituição escolar como centro de apoio à comunidade, especialmente em contextos de vulnerabilidade social, nos quais as famílias frequentemente enfrentam desafios que ultrapassam o campo da educação formal. Em muitas localidades do interior brasileiro, por exemplo, a escola representa o único elo direto entre a população e os serviços públicos – tornando-se um ponto estratégico para a oferta de atendimentos integrados com saúde, assistência social e formação cidadã.

Nesse sentido, algumas estratégias vêm se consolidando como eficazes e replicáveis em diferentes realidades escolares:

- **Reuniões pedagógicas participativas:** repensar as tradicionais reuniões de pais para que sejam momentos de escuta mútua, onde não apenas se cobrem resultados, mas também se compartilhem dificuldades, conquistas e expectativas. A inclusão de dinâmicas, sorteios de brindes e coffee breaks, como observado em escolas

do interior alagoano, tem contribuído para tornar esses encontros mais atrativos e acolhedores.

- **Eventos culturais e temáticos:** convidar as famílias para participar de exposições de trabalhos dos alunos, festas comemorativas, apresentações teatrais e gincanas cria oportunidades de integração entre escola e comunidade. Além de prestigiar os filhos, os pais passam a enxergar a escola como um espaço de celebração, cultura e pertencimento.
- **Parcerias com instituições públicas:** estabelecer articulações com secretarias municipais de saúde, assistência social, cultura e juventude permite que a escola promova ações mais amplas, como campanhas de vacinação, atendimento psicossocial, oficinas e palestras. Essa estratégia fortalece a presença da escola como promotora de bem-estar e desenvolvimento comunitário.
- **Palestras e rodas de conversa com especialistas:** convidar psicólogos, pedagogos, conselheiros tutelares, assistentes sociais e outros profissionais para discutir temas como disciplina positiva, limites, uso de tecnologia, bullying e saúde mental amplia o repertório dos pais e oferece suporte concreto às famílias em sua missão educativa.
- **Comunicação digital estruturada:** o uso de ferramentas como WhatsApp, Google Sala de Aula ou plataformas institucionais pode melhorar significativamente a comunicação diária com as famílias. No entanto, é essencial que esses canais sejam organizados, respeitosos e utilizados com intencionalidade pedagógica, evitando excessos ou desencontros de informação.
- **Projetos de voluntariado e engajamento:** abrir espaços para que os pais possam contribuir com habilidades próprias – seja em oficinas, reparos, atividades artísticas ou serviços diversos – fortalece o vínculo entre a escola e a comunidade, além de valorizar os saberes populares e o capital cultural das famílias.

Cabe destacar que nenhuma dessas estratégias terá êxito se não estiver ancorada em uma postura institucional de acolhimento, diálogo e respeito à diversidade familiar. Engajar as famílias não é impor presença, mas convidar à participação, reconhecer saberes, escutar ativamente e construir, em conjunto, um projeto educativo significativo. Como afirmam Nóvoa e Alvim (2001), “a escola precisa sair do seu isolamento e abrir-se à comunidade, pois a educação é uma responsabilidade coletiva”.

Por fim, é importante considerar que as estratégias devem ser adaptadas à realidade local, considerando as características socioculturais, econômicas e geográficas de cada comunidade. No interior do Nordeste, por exemplo, práticas simples como a visita domiciliar, a celebração de datas religiosas ou o convite para apresentações públicas dos alunos têm se mostrado extremamente eficazes no fortalecimento do vínculo com as famílias. Nesse contexto, o compromisso e a criatividade dos educadores são elementos fundamentais para consolidar uma escola verdadeiramente participativa e humanizadora.

DESAFIOS NO INTERIOR

O contexto das áreas rurais e semi-rurais apresenta características muito específicas que impactam diretamente a dinâmica da relação entre família e escola. Apesar da crescente valorização da participação dos responsáveis no processo educativo, há inúmeros desafios que dificultam ou até inviabilizam essa aproximação, exigindo das escolas do interior uma atuação diferenciada, sensível às limitações locais e comprometida com práticas inovadoras e inclusivas.

Entre os obstáculos mais evidentes está a questão geográfica: muitas famílias vivem em comunidades afastadas da zona urbana, e o deslocamento até a escola pode ser dificultado pela ausência ou precariedade do transporte público escolar, estradas em más condições ou longas distâncias. Isso torna a participação em reuniões, eventos e atendimentos escolares uma atividade de difícil realização, especialmente para famílias

que não possuem meios próprios de transporte ou que dependem do trabalho diário em atividades agrícolas, muitas vezes realizadas em regime de economia de subsistência.

Além disso, observa-se uma menor familiaridade com os procedimentos escolares formais, o que pode gerar insegurança, constrangimento ou sensação de inadequação por parte de pais e responsáveis. Em muitos casos, os adultos da família têm pouca ou nenhuma escolarização, o que limita seu engajamento nos conteúdos trabalhados em sala de aula e no acompanhamento das tarefas escolares. Para alguns, a escola ainda é vista como um espaço distante ou reservado aos profissionais da educação, o que dificulta a construção de um vínculo de confiança e corresponsabilidade com a instituição.

Estudos recentes também apontam que, nesses contextos, há baixo acesso a recursos educacionais e tecnológicos. Conforme relatado por European Proceedings (2022), as famílias do campo ou de zonas semiurbanas frequentemente não contam com bibliotecas domésticas, dispositivos digitais ou conexão estável à internet, o que compromete o apoio ao estudo fora do ambiente escolar. Durante a pandemia da COVID-19, essa realidade ficou ainda mais evidente, quando muitas famílias enfrentaram sérias dificuldades para acompanhar o ensino remoto ou híbrido, reforçando desigualdades educacionais já existentes.

Outro fator relevante é a cultura local. Em algumas comunidades, ainda predomina uma visão tradicional da escola como espaço exclusivamente disciplinador, em que a autoridade do professor não deve ser questionada e onde a participação dos pais se restringe a momentos formais ou emergenciais. Essa visão reforça o afastamento das famílias, principalmente quando não há iniciativas da escola para desconstruir essa ideia e promover um ambiente acolhedor, participativo e democrático.

Diante de todos esses desafios, a escola do interior não pode se limitar ao papel de transmissora de conteúdos. Ela precisa assumir uma função mediadora entre a família, a comunidade e os serviços públicos, atuando como ponto de articulação para o desenvolvimento integral dos estudan-

tes e o fortalecimento da cidadania. Em muitos municípios do interior de Alagoas, por exemplo, observa-se que a escola é frequentemente o único equipamento público estruturado presente nas comunidades, tornando-se referência de acesso à informação, cultura, saúde e assistência social.

Nesse papel ampliado, a escola pode promover parcerias com outras instituições, como conselhos tutelares, secretarias de saúde, assistência social e agricultura familiar, criando redes de apoio que garantam atendimento às necessidades das famílias. Também deve desenvolver ações de formação e sensibilização, mostrando às famílias que sua presença é bem-vinda e valorizada, independentemente do grau de escolaridade ou das condições socioeconômicas que possuem.

Além disso, faz-se necessário que os profissionais da educação recebam formação continuada para lidar com as especificidades da realidade interiorana, valorizando saberes locais, respeitando as culturas tradicionais e promovendo metodologias de ensino que dialoguem com o contexto de vida dos alunos. A escuta ativa e o acolhimento devem estar no centro da relação com as famílias, contribuindo para a construção de um ambiente escolar verdadeiramente inclusivo e democrático.

Em suma, os desafios enfrentados pelas escolas do interior no que diz respeito ao engajamento familiar são múltiplos e complexos, exigindo estratégias integradas, sensibilidade pedagógica e compromisso social. Superar tais obstáculos é essencial para garantir o direito à educação de qualidade e para construir, de fato, uma escola que pertença à comunidade e contribua para o seu desenvolvimento.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter descritivo e exploratório, que busca compreender as práticas e estratégias utilizadas por escolas públicas de uma rede municipal de ensino, localizada em um município do interior do estado de Alagoas (cujo nome será mantido em sigilo para preservar o foco no contexto e não na localidade). A abordagem qualita-

tiva justifica-se pela natureza do objeto de estudo – a relação entre escola e família –, que envolve elementos subjetivos, culturais e sociais, exigindo uma leitura interpretativa e contextualizada dos dados levantados.

O estudo alia revisão bibliográfica com reflexão prática, construída a partir da observação direta das ações realizadas pelas escolas da referida rede municipal, ao longo dos últimos dois anos. Foram utilizados dois principais procedimentos metodológicos: (1) entrevistas informais com gestores escolares, como diretores e coordenadores pedagógicos, que compartilharam relatos sobre o planejamento, execução e resultados das ações de engajamento familiar; e (2) análise documental de registros institucionais, como atas de reuniões, planos de ação, convites de eventos, produções estudantis e registros fotográficos, disponibilizados pelas unidades escolares. Embora não tenham sido realizadas entrevistas formais com as famílias participantes, devido à limitação de escopo e tempo da pesquisa, os dados apresentados foram enriquecidos por meio dos relatos dos gestores e dos materiais produzidos durante os eventos escolares. Esses documentos forneceram evidências das estratégias utilizadas para envolver os responsáveis, bem como da resposta da comunidade a essas iniciativas.

A análise dos dados seguiu uma abordagem interpretativa, fundamentada nos princípios da análise de conteúdo (Bardin, 2011), com foco na identificação de categorias emergentes relacionadas à participação das famílias, estratégias de engajamento, parcerias interinstitucionais e desafios enfrentados no contexto escolar interiorano. A triangulação entre as fontes – bibliografia, relatos orais e documentos institucionais – possibilitou maior confiabilidade e densidade interpretativa à pesquisa. A escolha por um estudo de natureza descritiva permitiu mapear as práticas concretas vivenciadas pelas escolas, valorizando o saber prático dos profissionais da educação e reconhecendo a complexidade do contexto social e geográfico no qual estão inseridos. Trata-se, portanto, de uma investigação que se ancora na realidade local, mas que dialoga com os referenciais teóricos da área da educação e pode contribuir para reflexões

em contextos similares, especialmente em regiões rurais ou semi-rurais do Brasil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ANÁLISE E DISCUSSÃO

REALIDADE LOCAL

Na localidade estudada, as escolas têm buscado ampliar o vínculo com as famílias por meio de ações diversificadas. Exemplificativamente:

- Reuniões periódicas - Em cada bimestre, a escola convoca pais e responsáveis para reunião de apresentação de resultados, entrega de boletins e discussão de metas. Nessas reuniões, realiza-se sorteio de brindes (ex: material escolar, vale-livro) para estimular a participação.
- Coffee-breaks - No momento da recepção das famílias, serve-se um coffee-break simples, com café, sucos e lanches, promovendo ambiente de acolhimento e informalidade para conversas com professores e gestores.
- Convite para participar de eventos- As famílias são convidadas a participar de exposições culturais, apresentações artísticas, jogos interclasses e gincanas temáticas na escola. Essa abertura possibilita que os pais vejam o ambiente escolar, interajam com professores e alunos, e sintam-se parte da comunidade escolar.
- Parcerias com a secretaria de saúde e de assistência social- Em conjunto com a secretaria municipal de saúde, a escola realiza campanhas de vacinação, palestras sobre nutrição, saúde bucal e prevenção de doenças. Já em parceria com a secretaria de assistência social, promove atendimentos pontuais (orientação familiar,

- palestras sobre convivência familiar, vulnerabilidade social) dentro do espaço escolar ou em dias específicos de “Ação Família-Escola”.
- Festas comemorativas na escola- Em datas como Dia das Mães, Dia dos Pais, Semana da Família, a escola promove festa com alunos, responsáveis e professores, com dinâmicas de integração, oficinas, sorteios e exposição de trabalhos.
 - Palestras e rodas de conversa com pais - A escola organiza momentos de formação para pais e responsáveis com o apoio de psicólogo, assistente social, orientador pedagógico, que abordam temas como “Limites e convivência familiar”, “Uso de tecnologias”, “Bullying e redes sociais”, “Saúde emocional do adolescente”.

REFLEXÃO SOBRE OS EFEITOS DESSAS ESTRATÉGIAS

As práticas implementadas pelas escolas do interior alagoano observadas neste estudo não apenas corroboram as diretrizes apontadas pela literatura especializada, como também demonstram um movimento progressivo de ressignificação do papel da escola pública em contextos de vulnerabilidade social. Ao promover ações que extrapolam o espaço físico da sala de aula e vão além do tradicional formato de reunião pedagógica centrada no desempenho escolar, essas instituições vêm contribuindo para a construção de um ambiente mais democrático, acolhedor e formativo – tanto para os alunos quanto para suas famílias.

Conforme destacam Soares, Brito & Medeiros (2023), a competência social dos professores e a qualidade da comunicação entre escola e família são variáveis determinantes para o engajamento dos responsáveis no cotidiano escolar. Isso significa que a capacidade da equipe escolar de escutar, dialogar, acolher e compreender a realidade das famílias é tão importante quanto os conteúdos ensinados em sala. Neste sentido, ações como coffee breaks em reuniões, sorteios simbólicos, feiras culturais, gincanas, rodas de conversa e exposições de trabalhos revelam-se estratégias

eficazes para romper com a imagem de uma escola burocrática e punitiva, dando lugar a uma instituição mais humana e participativa.

Ao adotar uma abordagem mais leve e afetiva nos encontros com os pais, as escolas do estudo favorecem um sentimento de pertencimento e confiança mútua. Isso é especialmente importante em comunidades interioranas, onde as famílias, por diversos motivos – como escolarização limitada, dificuldades econômicas ou experiências anteriores de exclusão – podem apresentar resistência ou insegurança frente à instituição escolar. Criar um ambiente em que os pais se sintam bem-vindos e não apenas convocados é fundamental para transformar a cultura da participação familiar.

Além do aspecto relacional, os efeitos dessas práticas também se manifestam na construção de capital social, entendido aqui como o conjunto de relações de confiança, reciprocidade e cooperação entre os membros de uma comunidade (Putnam, 2006). Quando a escola se torna um espaço de encontro, escuta e ação coletiva, ela fortalece os laços sociais e contribui para a formação de redes comunitárias mais sólidas. A presença de parceiros institucionais, como secretarias municipais de saúde e assistência social, amplia o impacto dessas ações, posicionando a escola como ponto de articulação entre políticas públicas e demandas da comunidade.

Tais mecanismos não apenas favorecem o acompanhamento pedagógico, mas influenciam positivamente outras dimensões do desenvolvimento estudantil. A experiência das escolas analisadas sugere que há uma relação direta entre essas práticas e indicadores como maior frequência às aulas, maior participação dos alunos em atividades escolares, redução de conflitos disciplinares e fortalecimento do vínculo afetivo com o espaço escolar. A escola, ao acolher a família, acolhe também o aluno em sua totalidade.

Ainda, é importante destacar que essa parceria vai além de ganhos pedagógicos: ela representa um instrumento de formação cidadã. Ao envolver as famílias em processos decisórios, eventos culturais e debates

sobre temas sociais, a escola contribui para a construção de valores como solidariedade, corresponsabilidade, respeito à diversidade e engajamento coletivo. A escola deixa de ser apenas um lugar de ensino e passa a ser um espaço de formação de sujeitos ativos, conscientes de seu papel na sociedade.

Portanto, a articulação entre escola e família não deve ser vista como uma estratégia complementar, mas sim como um elemento estruturante da educação pública de qualidade, especialmente nos territórios onde o acesso a outros meios de apoio social e cultural é restrito. As evidências aqui reunidas demonstram que fortalecer esse vínculo é apostar não apenas na melhoria do rendimento escolar, mas na transformação da comunidade como um todo, reafirmando o papel da escola como agente de cidadania, inclusão e desenvolvimento humano.

LIMITAÇÕES E PONTOS DE ATENÇÃO

Embora as estratégias de aproximação entre escola e família analisadas neste estudo revelem importantes avanços e impactos positivos, é fundamental reconhecer que tais práticas não garantem, por si só, sucesso escolar nem engajamento pleno das famílias. A efetividade dessas ações está diretamente condicionada a uma série de fatores contextuais, institucionais e humanos que devem ser considerados com cautela na análise de seus resultados.

Entre os principais fatores limitantes, destaca-se a realidade socioeconômica das famílias, especialmente em áreas do interior, onde predominam situações de vulnerabilidade, trabalho informal, baixa escolaridade e escassez de recursos básicos. Muitos pais e responsáveis, mesmo desejando acompanhar mais de perto a vida escolar dos filhos, enfrentam barreiras como a jornada exaustiva de trabalho, falta de transporte, responsabilidades domésticas e insegurança frente ao ambiente escolar. Isso pode restringir a presença física e limitar a participação efetiva nas ações propostas pela escola.

Além disso, é preciso considerar a cultura de participação escolar, que nem sempre está consolidada entre os membros da comunidade. Em diversas localidades do interior, ainda prevalece uma visão tradicional da escola como espaço exclusivo dos profissionais da educação, e o envolvimento dos pais é visto como algo secundário, emergencial ou até mesmo invasivo. Esse distanciamento simbólico – muitas vezes herdado de experiências educacionais negativas do passado – pode levar à resistência ou apatia, mesmo diante de convites reiterados por parte da escola.

Outro ponto crucial refere-se à infraestrutura das escolas e à disponibilidade de recursos humanos e materiais. Algumas unidades escolares, sobretudo em regiões mais carentes, não dispõem de espaços adequados para realização de eventos, não têm acesso a tecnologias de comunicação eficazes ou enfrentam escassez de pessoal capacitado para conduzir ações de cunho comunitário. A ausência de apoio institucional mais amplo, como da secretaria municipal de educação ou das equipes intersetoriais, também compromete a continuidade e a qualidade dessas práticas.

Como bem alertam Silva & Espírito Santo (2015), há diversas barreiras que impedem a construção de uma parceria efetiva, incluindo a falta de tempo dos pais, problemas de comunicação, excesso de formalismo nas interações e o despreparo de professores para lidar com a diversidade cultural e social das famílias. Em muitos casos, o “profissionalismo excessivo” citado pelos autores – compreendido como rigidez nas relações e pouca abertura ao diálogo – gera um ambiente pouco acolhedor, que afasta as famílias em vez de aproximá-las.

Outro risco importante é o da pontualidade das ações. Quando as estratégias de engajamento familiar não são pensadas como parte de um projeto pedagógico contínuo, elas tendem a se tornar eventos isolados, sem impacto estrutural ou duradouro. Nesses casos, mesmo que a adesão seja alta em um primeiro momento, a ausência de planejamento de longo prazo e de avaliação sistemática pode levar ao esvaziamento da proposta e à perda de confiança por parte da comunidade.

Portanto, é essencial que tais práticas estejam alinhadas a uma política institucional clara, com metas, responsáveis, avaliação contínua e articulação com o projeto político-pedagógico da escola. A formação continuada dos profissionais da educação também se apresenta como um ponto de atenção central, visto que a mediação entre escola e família exige competências socioemocionais, escuta ativa, sensibilidade cultural e capacidade de comunicação não violenta.

Por fim, vale ressaltar que não há modelo único ou fórmula pronta para garantir a participação familiar. Cada comunidade escolar possui uma configuração social, cultural e econômica distinta, e as estratégias devem ser adaptadas a essa realidade, com abertura para ajustes, escuta constante e valorização das experiências locais. O reconhecimento dessas limitações não invalida os avanços alcançados, mas reforça a necessidade de abordagem crítica, planejamento estratégico e compromisso coletivo com uma educação verdadeiramente participativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de uma sociedade mais justa, participativa e solidária passa, inevitavelmente, pela articulação entre diferentes esferas sociais – entre elas, a família, a escola e a comunidade. A educação, entendida como processo amplo de formação humana, não pode estar restrita ao espaço físico da sala de aula, tampouco ao domínio exclusivo da escola. É no entrelaçamento dessas esferas que se fortalece o desenvolvimento integral dos sujeitos e a formação de cidadãos capazes de atuar de forma crítica e consciente no mundo em que vivem.

O estudo apresentado demonstrou que, mesmo em contextos desafiadores como o interior de Alagoas, é possível construir pontes entre a escola e as famílias por meio de práticas simples, porém intencionais e afetivamente significativas. A realização de reuniões pedagógicas com sorteios de brindes, coffee breaks, eventos culturais, festividades escolares, ações conjuntas com secretarias municipais (saúde, assistência social,

cultura) e formações para pais e responsáveis revela uma movimentação concreta das escolas em direção a uma educação mais relacional, dialógica e comunitária.

Essas iniciativas representam mais do que estratégias pontuais de gestão escolar: elas traduzem uma mudança de paradigma. Ao reconhecer que a presença das famílias não deve ser apenas tolerada, mas valorizada como parte fundamental do processo educativo, a escola amplia sua missão institucional e assume um papel social mais abrangente. Como aponta o portal *Educador Brasil Escola*, “o ideal é que família e escola traçam as mesmas metas de forma simultânea, propiciando ao aluno uma segurança na aprendizagem de forma que venha criar cidadãos críticos capazes de enfrentar a complexidade de situações”.

O fortalecimento dessa relação contribui para resultados concretos, como aumento da frequência dos estudantes, melhora no rendimento escolar, redução de conflitos e maior autoestima por parte dos alunos, que passam a perceber o interesse da família por sua trajetória escolar. Para além dos indicadores quantitativos, porém, o impacto mais profundo se dá na dimensão subjetiva: ao se sentirem parte do processo, os pais tendem a se envolver mais, os professores se sentem apoiados e os estudantes se percebem pertencentes a uma rede de cuidado e valorização.

Contudo, como discutido ao longo do trabalho, tais práticas precisam ser planejadas com continuidade, monitoramento e abertura à escuta ativa da comunidade escolar. Estratégias isoladas, sem avaliação ou alinhamento com o projeto político-pedagógico da escola, podem se esvaziar com o tempo e não gerar os efeitos desejados. É necessário que a participação familiar seja compreendida como um eixo estruturante da escola, e não como complemento ou “evento especial”.

Recomenda-se que as escolas continuem investindo na aproximação com as famílias, ajustando suas ações às especificidades culturais, econômicas e afetivas de suas comunidades. O reconhecimento da diversidade familiar, o respeito aos tempos e às realidades locais e o fortalecimento de parcerias intersetoriais são caminhos fundamentais para consolidar

esse vínculo. Além disso, seria altamente relevante que futuras pesquisas explorem com mais profundidade a **percepção direta das famílias, dos alunos e dos professores** sobre essas práticas, bem como seus impactos em indicadores de aprendizagem, permanência e inclusão escolar.

Em síntese, a aproximação entre escola e família, quando promovida de forma intencional, sistemática e humanizada, revela-se não apenas uma estratégia pedagógica eficaz, mas um compromisso ético com a formação de sujeitos completos e com a transformação da sociedade. Não se trata de mundos separados que se cruzam ocasionalmente, mas de dois pilares que, juntos, sustentam o processo educativo em sua totalidade. Investir nessa relação é, portanto, investir no futuro.

REFERÊNCIAS

Jesus, E. dos S. de. (2022). “A família e a escola: uma parceria para o melhor das crianças”. Revista Mais Educação. ([Revista Mais Educação](#))

Moraes Silva, J.; Espírito Santo, E. (2015). Analysis of family and school partnership in the teaching and learning process: resignification. *Research, Society and Development*, 5(3). ([RSD Journal](#))
Oliveira, V.; Soares da Silva, M.; Hatzis, K. (2022). *School and family: A necessary partnership in the teaching-learning process*. Seven Editora. ([Seven Publicações](#))

Reali, A. M. de M.; Tancredi, R. M. S. P. (2005). The importance of what is learned in school: the school-families partnership in perspective. *Paidéia (Ribeirão Preto)*. (Revistas USP)

Soares, S.; Brito, D.; Medeiros, I. (2023). Parceria família-escola: uma gestão colaborativa. *Revista Missioneira*, 25(1), 199-211. ([San.uri](#)) “Família e escola: como promover uma parceria de sucesso?” Blog Melhor Escola. (s. d.). ([Melhor Escola](#)) “Família e Escola: parceria essencial” (s. d.). Portal Melhor Escola. ([Melhor Escola](#)) “Família e escola: uma parceria que faz toda a diferença.” Tribuna de Barueri. (2025). ([tribunadebarueri.com.br](#))

Tiba (2012). cit. em *Família e Escola: Uma parceria imprescindível no processo do ensino-aprendizagem da criança da Educação Infantil*. (2023). ([editorarealize.com.br](#))